

## **Discurso do Reitor Marco Antonio Zago na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, em 4/8/2017, por ocasião da comemoração do centenário de nascimento de Hélio Lourenço de Oliveira e do lançamento do livro sobre sua vida<sup>1</sup>**

Nós estamos aqui para celebrar a memória de Hélio Lourenço de Oliveira, e seu papel na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e na Universidade de São Paulo.

Embora esse papel se desdobre em numerosas facetas, diferentes aspectos de sua personalidade, a pessoa é uma só, indivisível. E a primeira e talvez mais relevante característica de Hélio Lourenço, que fundamentava todas as demais, era sua honestidade intelectual e respeito à ética, qualidades em grande falta hoje em nosso país. Ele tinha um pensamento claro sobre a universidade e sua missão, e desse pensamento derivavam suas ações. Reproduzo as palavras de Fábio Prado, seu chefe-de-gabinete, a seu respeito: “Ele se foi. Mas deixou entre nós a imagem de um homem puro, dedicado, que ofereceu as melhores horas de sua vida objetivando a construção de uma sociedade justa e digna.” Eu reconheço essa apreciação como absolutamente correta e justa, com relação ao Prof. Hélio, e a subscrevo plenamente.

Embora, como já disse, a pessoa e sua personalidade sejam indivisíveis, para simplificar podemos separar seu papel em dois momentos: sua relevância para a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e seu impacto mais amplo para a Universidade de São Paulo.

A Universidade de São Paulo sobreviveu a duas grandes ameaças à sua autonomia, ao longo de seus 80 anos de história. Uma delas, nos anos recentes, originou-se internamente: uma crise financeira que pôs em risco a própria sobrevivência da USP e a perda da autonomia conquistada em 1988. A crise financeira e o espectro sempre presente da insolvência marcaram a atual gestão. Somente esforços muito grandes, por parte de toda a comunidade da universidade, permitiram restabelecer o equilíbrio financeiro, ainda precário, e preservar a autonomia.

A outra ameaça originou-se externamente, embora apoiada em forças conservadoras internas: são as intervenções durante o período militar, nas décadas de 1960 a 1980. Foi neste período convulsionado da vida do país e da universidade, quando assumiu a liderança da primeira reforma do Estatuto da USP, que a atuação do Prof. Hélio teve impacto mais amplo na USP. Essa sua atuação, e em especial sua defesa da autonomia universitária, será comemorada em São Paulo, no dia da próxima sessão do Conselho Universitário, que determinou que seu retrato seja instalado em lugar de destaque no prédio da reitoria.

Vamos então, hoje, reservar um olhar especial para sua presença na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

Hélio esteve entre os pioneiros dessa faculdade, e foi o fundador do Departamento de Clínica Médica, para onde veio em 1953. Mais de sessenta anos depois, o Departamento ainda exhibe as marcas de sua influência, embora apenas uma minoria de seus membros ativos atuais teve contato pessoal com ele. Muito se poderia falar sobre o seu pioneirismo e também daqueles que o acompanharam, quer na instalação da Faculdade quer na fundação e primeiros anos do Departamento.

A mim, como estudante de medicina, o que me impressionou enormemente em 1967, quando iniciei o curso de Clínica Médica, foi a grande importância que se dava à pessoa do

---

<sup>1</sup> Hélio Lourenço: Vida e Legado. Ricardo B. de Oliveira e Regina Prado, Edusp, 2017.

paciente, o cuidado para que o estudante de medicina valorizasse a comunicação e uma perfeita compreensão do que afligia o doente, e o reconhecimento e interpretação dos sinais e sintomas como a base da prática médica. Outra característica do curso era a absoluta coerência com a fundamentação científica, buscando sempre estabelecer um vínculo entre a prática clínica e os princípios da fisiologia, da bioquímica, da farmacologia, da patologia e da epidemiologia. Era compreensível. Hélio Lourenço fizera parte da uma geração de médicos, junto com Antônio Barros de Ulhôa Cintra e Emílio Mattar, que trouxeram para o país, no momento da II Guerra, uma abordagem nova à época, a medicina baseada na ciência.

Mas, independentemente das memórias e impressões pessoais, os três parágrafos iniciais descritivos de seu memorial para o concurso de professor catedrático de clínica médica, em 1963 resumem aquilo que teve de inovador o departamento que criou:

*No encargo da organização inicial do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, incluía-se a responsabilidade de conduzir duas experiências novas.*

*A primeira era a de constituir uma equipe de docentes clínicos trabalhando em regime de tempo integral. Seriam essenciais, por isso, os recursos adequados e o ambiente propício à investigação científica, sem o que tal regime de trabalho perderia o sentido.*

*A segunda era a de organizar o ensino da Clínica Médica em sentido amplo, pois o Departamento deveria unificar o que tradicionalmente tinha sido atribuição independente de mais de uma cátedra da mesma denominação e, ainda, de cátedras autônomas de Propedêutica, Terapêutica, Radiologia e Moléstias Infecciosas.*

O regime de dedicação exclusiva de todos os seus docentes, inédito em departamentos clínicos no Brasil, exigia espaço adequado para pesquisa. Para isso, foi criado um laboratório experimental localizado mais próximo à sede das cadeiras básicas, e não no próprio hospital. Outra inovação desconhecida, então, em departamentos clínicos.

Em suas próprias palavras: *“Desde o seu planejamento inicial, foi reivindicada para a Clínica Médica a posição intermediária mais direta entre o grupo de cadeiras básicas e o das clínicas.”*

Foi assim que Hélio Lourenço de Oliveira trouxe à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto uma contribuição absolutamente inovadora. Hoje a ideia pode parecer de senso comum, porque se consolidou e serviu de modelo a grande número de departamentos clínicos pelo país afora.

\* \* \* \* \*

Os tempos são outros, os problemas talvez muito mais complexos. Mas os princípios fundamentais não mudam, nem a essência da história que se repete. Em 4 de julho passado o Conselho Universitário da USP decidiu instalar um novo curso de medicina, desta vez no *campus* de Bauru. Apesar da votação maciça favorável naquele colegiado, não faltam, agora, vozes discordantes. Nada de novo, pois quem como eu ouviu o relato do Reitor Miguel Reale sobre as enormes resistências à criação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto sabe que estamos apenas repetindo a história. Eu apenas espero que esta história se repita por completo, inclusive no sucesso que se mostrou a criação da nova faculdade em Ribeirão Preto.

Em 1948 a Assembleia Legislativa de São Paulo votou uma lei que previa a instalação de diferentes cursos superiores em várias cidades paulistas. Ribeirão Preto, que aspirava a

sediar a primeira universidade no interior do estado, recebeu com muito entusiasmo a decisão de sediar uma Faculdade de Medicina, acreditando que esse seria o embrião de uma futura universidade.

A execução da lei mostrou-se inviável, sendo necessária uma emenda subordinando a futura escola à USP. A Universidade, por sua vez, argumentando que se preocupava com a qualidade do ensino médico, tomou posição contrária. O então reitor, Ernesto Leme, recebeu do Governador do Estado a decisão de "instalação imediata" da Faculdade de Medicina em Ribeirão Preto, ou seja, "cumpra-se a lei" de nº 161 de 1948. Diante disso, a Comissão de Ensino e Regimento USP a emitiu parecer favorável, fundamentando-se no "fato de a Faculdade de Medicina de São Paulo dispor de 138 livre-docentes" dispostos a integrar o corpo acadêmico da futura escola médica. De fato, alguns desses livre-docentes vieram se instalar na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, entre eles o nosso homenageado, Hélio Lourenço de Oliveira.

A primeira Faculdade de Medicina da USP, a primeira do Estado de São Paulo, foi criada em 1912, e incorporada à USP em 1934. A segunda, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, foi estabelecida em 1952, ou seja, 40 anos depois da primeira. Agora, 65 anos depois, criamos o nosso terceiro curso. Há os que acham que nós corremos muito, que deveríamos esperar, que estamos em uma crise!

Não estamos em uma crise, estamos aproveitando uma oportunidade. O Hospital de Recuperação de Anomalias Craniofaciais, o Centrinho de Bauru, custa aos cofres da USP mais de R\$ 100 milhões anuais, e não acolhe nenhum aluno de nossos cursos de graduação. Nosso campus de Bauru tem hoje um total de 330 estudantes, a um custo anual de R\$ 190 mil por estudante, em comparação com o campus de Ribeirão Preto em que cada estudante custa em média R\$ 42 mil por ano.

Ao transferir o Hospital para a gestão da Secretaria Estadual da Saúde, nós nos desoneramos progressivamente desse gasto, abrindo espaço para a instalação de um curso de medicina. Toda a infraestrutura de acolhimento de alunos, aulas práticas e cursos básicos para o curso de medicina já estão disponíveis. Nesses aspectos, o custo adicional é muito menor do que a economia que vamos começar a fazer!

É uma situação em todos ganham: governo, população e estudantes. Em particular, ganha a USP porque deixa de pagar as despesas de custeio do hospital imediatamente, faz economia crescente de recursos que gastava na sua gestão, e dedica-se à sua missão, a formação de pessoal qualificado de nível superior.

Para a população de Bauru e região, permitirá ativar um hospital que estava parado por falta de recursos, e pôr a serviço da comunidade. Para a sociedade, a criação de um curso de medicina de qualidade é uma grande notícia.

Foi, pois, com muita satisfação que assistimos ao firme apoio das nossas duas faculdades de medicina, assim como de todas as unidades do *campus* de Ribeirão Preto, à criação do novo curso. Eu acredito que as diferentes unidades da USP vão contribuir para fortalecer esse curso desde a sua implantação no próximo ano.

Vejamos se não sairá de nossa Faculdade a figura que fará, em Bauru, o mesmo papel inovador que Hélio Lourenço teve aqui em Ribeirão Preto, no seu tempo. Seria a maior homenagem que poderíamos prestar a um homem que, apesar de morto há 32 anos, vive na nossa admiração e nosso respeito.

Obrigado.

